



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB

INSTITUTO DE LETRAS - IL

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS - LIP

Sara de Freitas

**O SOTAQUE BRASILIENSE: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA A PARTIR DA
PERCEPÇÃO DOS FALANTES DO DISTRITO FEDERAL**

Brasília - DF, 2025.

O SOTAQUE BRASILIENSE: UMA ANÁLISE SOCIOLINGÜÍSTICA A PARTIR DA PERCEPÇÃO DOS FALANTES DO DISTRITO FEDERAL

Sara de FREITAS (UnB)¹
Cintia da Silva PACHECO (UnB)²

RESUMO: O presente trabalho faz uma análise qualitativa a respeito do sotaque brasiliense, com o objetivo de investigar se os moradores do Distrito Federal reconhecem seu próprio sotaque e se identificam as características associadas a ele. Para tanto, a fala brasiliense foi examinada com base no conceito de focalização dialetal, a partir da resposta de um formulário de percepção intitulado *O sotaque brasiliense*, composto por 12 questões e respondido por quarenta participantes. A pesquisa articula os dados empíricos obtidos com discussões teóricas da Sociolinguística, fundamentando-se em autores como Andrade (2015; 2024), Bortoni-Ricardo (2011), Barbosa (2002), Hanna (1986), Labov (2008) [1972], Pacheco (2024), Preston (1986), Pisoni (1993), Saussure (2006), entre outros. Em suma, os resultados indicam que, embora não haja consenso absoluto quanto à existência de um sotaque brasiliense plenamente consolidado, os participantes reconhecem traços recorrentes na fala local como a neutralidade e as gírias, o que evidencia um processo em curso de construção e reconhecimento de uma identidade linguística regional.

Palavras-Chave: Sotaque brasiliense; Variação linguística; Atitudes linguísticas; Focalização dialetal; Percepção linguística.

ABSTRACT: This study presents a qualitative analysis of the Brasilia accent, aiming to investigate whether residents of the Federal District recognize their own accent and identify its associated characteristics. To this end, Brasilia speech was examined based on the concept of dialectal focalization, using responses to a perception questionnaire entitled "The Brasilia Accent," composed of 12 questions and answered by forty participants. The research articulates the empirical data obtained with theoretical discussions from Sociolinguistics, drawing on authors such as Andrade (2015), Bortoni-Ricardo (2011), Barbosa (2002), Hanna (1986), Labov (2008);[1972], Pacheco (2019), Preston (1986), Pisoni (1993), Saussure (2006), among others. In summary, the results indicate that, although there is no absolute consensus regarding the existence of a fully consolidated Brasilia accent, participants recognize recurring features in local speech such as neutrality and slang, which evidences an ongoing process of construction and recognition of a regional linguistic identity.

Keywords: Brazilian accent; Linguistic variation; Linguistic attitudes; Dialectal focalization; Linguistic perception.

¹ Discente de Letras - Língua Portuguesa e Respectiva Literatura - LIP/UnB; freitasdesara@gmail.com

² Prof^a Dra. no Depto. de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP/UnB; cintia.pacheco@unb.br

INTRODUÇÃO

Brasília, capital do Brasil, é uma cidade cuja história e formação sociocultural se distinguem das demais regiões do país. Idealizada e construída para sediar o Governo Federal, a nova capital atraiu, desde antes de sua fundação, migrantes de todos os estados brasileiros. À época, críticas e descrenças sugeriam que o projeto não prosperaria, e que a cidade planejada jamais se consolidaria como centro populacional. Entretanto, os pioneiros que vieram não apenas ergueram a capital, mas também construíram suas vidas nela, transformando o cerrado em espaço urbano e culturalmente dinâmico.

Fundada em 21 de abril de 1960 e inaugurada por Juscelino Kubitschek, Brasília constitui uma realidade social marcada pela heterogeneidade. A intensa migração de grupos provenientes de diversas regiões do Brasil gerou um ambiente singular de contato entre diferentes dialetos regionais. Como observa Melo (2010), quanto mais heterogênea for a sociedade, mais heterogênea será sua língua. Assim, o Distrito Federal, configurado desde sua origem como polo receptor de migração, tornou-se terreno fértil para investigações sobre a convivência entre variedades regionais e sobre os efeitos linguísticos desse processo.

Sob esse cenário, a linguagem revela-se não apenas como meio de comunicação, mas como instrumento de construção social. A forma como falamos nos localiza simbolicamente no mundo e expressa vínculos identitários, culturais e históricos. A diversidade de línguas, variedades, dialetos e sotaques decorre justamente dessa dimensão constitutiva da linguagem, que se organiza a partir dos indivíduos e dos grupos que a utilizam em seus contextos específicos. Assim, compreender o falar brasiliense implica, também, compreender a história das pessoas que deram forma à cidade.

A intensa convivência entre falantes de diferentes regiões produziu um amplo repertório linguístico compartilhado. Como resultado, era previsível que surgisse, em Brasília, uma grande variedade de falares, o que poderia favorecer, com o tempo, o aparecimento de uma norma mais neutra — fenômeno previsto por Silva Neto (1977), ao discutir a tendência à redução das marcas mais salientes em situações de contato dialetal intenso. Nesse sentido, as primeiras pesquisas conduzidas no

Distrito Federal concentraram-se no processo de generalização linguística decorrente da mistura entre variedades regionais. Estudos como o de Hanna (1986) observaram que os fragmentos dialetais trazidos pelos migrantes começaram a se fundir, configurando um possível falar próprio da capital.

Diante desse cenário, a presente pesquisa busca investigar as percepções dos moradores de Brasília — sejam eles nativos ou não — com o objetivo de verificar se existe, na atualidade, um dialeto local reconhecido pelos próprios falantes. Assim, pretende-se compreender se o suposto “falar brasiliense” deixou de ser um dialeto em formação e passou, efetivamente, a integrar o conjunto de sotaques brasileiros reconhecidos socialmente. Para isso, analisam-se atitudes linguísticas e avaliações subjetivas, na perspectiva de que tais percepções são fundamentais para a consolidação de uma identidade linguística regional.

Brasília, capital do Brasil. A cidade planejada e criada para ser sede do Governo Federal recebe, desde antes da fundação, brasileiros de todos os cantos do país. Opositores à mudança da capital e outros mais incrédulos diziam que a cidade jamais daria certo e que, com o passar dos anos, seria uma cidade fantasma. Contudo, os pioneiros vieram, não apenas para construir e trabalhar, mas para viver Brasília.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A investigação sobre o sotaque brasiliense exige, inicialmente, a compreensão de que a variação linguística é um fenômeno estruturante das línguas naturais e, portanto, indissociável das dinâmicas sociais, portanto a língua não é apenas um meio pelo qual se realiza a comunicação, ela é também um forte instrumento social e de poder. Nesse sentido, Saussure (2006) afirma que “A language, as we have just seen, is a social institution” destacando que a língua existe como um fator social, situando-se fora do indivíduo e organizando-se como instrumento de interação e não apenas como um sistema individual. Essa perspectiva permite entender que as variedades linguísticas revelam não apenas modos específicos de falar, mas, sobretudo, modos de identificar-se e posicionar-se socialmente. Assim, ao analisar o falar brasiliense, torna-se imprescindível

considerar tanto sua formação histórica quanto as representações sociais construídas pelos próprios falantes sobre essa variedade.

À luz desse cenário, Andrade (2015) discute a língua a partir de uma perspectiva social, ressaltando que os usos linguísticos estão profundamente relacionados às experiências históricas, culturais e identitárias dos falantes. Para a autora, a variação não deve ser compreendida como desvio ou inadequação, mas como manifestação legítima da diversidade social presente nas comunidades de fala. Essa compreensão contribui para a análise do sotaque brasiliense, uma vez que permite interpretá-lo como resultado de um contexto urbano marcado pela heterogeneidade populacional e pelo contato constante entre diferentes variedades linguísticas. Assim, a língua assume um papel central na construção de identidades, sendo moldada tanto por fatores estruturais quanto pelas percepções e atitudes dos próprios falantes, aspecto fundamental para a compreensão dos dados analisados neste trabalho.

Nesse contexto, a percepção e avaliação das variedades linguísticas ocupam papel central. Estudos clássicos de reconhecimento de sotaques, como os de Preston (1986) e Pisoni (1993), demonstram que ouvintes, mesmo sem treinamento formal, são capazes de identificar, com grande precisão, a procedência regional e o perfil social de um falante a partir de trechos curtos de fala. Além disso, Clopper e Pisoni (2004) mostraram que essa habilidade decorre da existência de representações cognitivas sobre as variedades linguísticas, o que reforça a ideia de que o sotaque transcende o plano puramente fonético e se projeta como categoria social. Dessa forma, a análise do sotaque brasiliense também precisa considerar as crenças e avaliações associadas a ele, uma vez que tais percepções orientam comportamentos linguísticos e contribuem para a formação, ou não, de uma identidade regional.

Além das representações sociais, o estudo da variação linguística envolve a compreensão dos processos estruturais que configuram os dialetos. Entre esses processos, destacam-se a difusão e a focalização dialetal, conceitos amplamente discutidos pelos Milroy (1980). De acordo com Milroy (1982), dialetos difusos emergem em comunidades altamente heterogêneas, caracterizando-se pela mistura de variantes e ausência de padrões muito definidos. Em Brasília, cujas origens

remontam a uma intensa mistura de migrantes de diferentes partes do país, o cenário inicial foi justamente o de difusão acelerada, como demonstram estudos pioneiros realizados desde a década de 1980 (HANNA, 1986). Entretanto, conforme Bortoni-Ricardo (2011) e Barbosa (2002) observaram, o avanço das gerações nascidas na capital gerou um movimento de fortalecimento de formas recorrentes na comunidade, indicando que o processo de focalização dialetal estava em curso.

Ademais, Andrade (20024) e Pacheco (2024) enfatizam a relação entre língua, sociedade e percepção, destacando que o reconhecimento de variedades linguísticas depende, em grande medida, do modo como os falantes interpretam e avaliam determinados traços linguísticos no cotidiano. As autoras argumentam que a percepção linguística é atravessada por valores sociais, como prestígio e estigmatização, os quais influenciam diretamente a forma como os sujeitos reconhecem, ou não, um sotaque específico. Esse posicionamento teórico contribui para a compreensão do falar brasiliense, pois ajuda a explicar por que muitos falantes descrevem esse modo de falar como “neutro”, mesmo identificando características recorrentes. Dessa forma, Andrade (2024) e Pacheco (2024) reforçam a ideia de que a consolidação de uma identidade linguística regional não depende apenas da existência de traços formais, mas também do reconhecimento social desses traços no interior da comunidade de fala.

Outrossim, a focalização, segundo Milroy (1982), constitui a etapa em que um conjunto de traços se estabiliza socialmente, permitindo reconhecer um dialeto como entidade relativamente coesa. Entretanto, como salientam os estudos de Melo (1988; 2010), tal reconhecimento depende tanto de regularidades linguísticas quanto da consciência dos falantes sobre elas. Nesse sentido, ainda que o falar brasiliense apresente características comuns, como apontam pesquisas que identificam neutralização de marcas regionais ou uso de determinadas gírias, sua legitimação enquanto sotaque depende da forma como os próprios falantes o percebem. É nesse ponto que emergem, novamente, as atitudes linguísticas.

As atitudes linguísticas constituem um campo fundamental da sociolinguística, pois revelam como os falantes avaliam outras variedades e como tais avaliações

influenciam o comportamento linguístico. Para Melo (1988), as atitudes podem ser mensuradas por meio de comportamentos observáveis em situações sociais, já que envolvem julgamentos que transcendem o nível estritamente linguístico. Além disso, Melo (2010) reforça que a língua funciona como mecanismo de estruturação das relações sociais, de modo que o julgamento sobre o falar de alguém frequentemente opera como julgamento sobre o próprio indivíduo ou grupo. Essa perspectiva é essencial para compreender por que certos falares, especialmente aqueles historicamente associados a grupos marginalizados, sofrem estigmatização, fenômeno também observado em Brasília, conforme registram depoimentos que associam traços “nordestinos” às classes populares ou que atribuem prestígio ao falar percebido como “mais neutro”.

Nessa mesma linha, Silva Neto (1977) já apontava que situações de amplo contato dialetal favorecem o surgimento de normas menos marcadas, muitas vezes, próximas ao que se convencionou chamar de português padrão. Em Brasília, a ideia de neutralidade surge como elemento recorrente nos estudos sobre o sotaque local, frequentemente associada a processos de acomodação linguística decorrentes da forte heterogeneidade social. Entretanto, como evidencia Labov (2008) [1972] em seu estudo clássico sobre Martha's Vineyard, a mudança linguística não é apenas resposta à heterogeneidade, mas também manifestação de posicionamentos identitários dos falantes. De modo semelhante, moradores de Brasília podem adotar ou rejeitar determinados traços linguísticos como forma de aproximação ou distanciamento de grupos sociais e regionais específicos.

Assim, ao articular a perspectiva laboviana ao contexto brasiliense, observa-se que o processo de focalização dialetal na capital não implica homogeneidade absoluta, mas, sim, o fortalecimento simbólico de um conjunto de características percebidas como próprias da região. Conforme destaca Barbosa (2002), mesmo quando os falantes afirmam não reconhecer um sotaque local, suas descrições frequentemente apontam para regularidades que, de fato, configuram um falar brasiliense. Dessa forma, as percepções desempenham papel decisivo na consolidação de uma identidade linguística regional, revelando que a língua se estrutura tanto pela prática quanto pela consciência dos seus usuários.

Por fim, é importante enfatizar que, conforme argumenta Preti (2000), as variedades diatópicas, aquelas relacionadas ao espaço geográfico, constituem manifestação legítima da língua e refletem a diversidade cultural de uma comunidade. Assim, compreender o sotaque brasiliense implica reconhecer sua formação complexa, atravessada por processos de difusão e focalização, e mediada pelas percepções e atitudes dos falantes. Em outras palavras, a consolidação desse sotaque depende tanto de fatores estruturais quanto da representação social que os falantes constroem acerca da própria fala e da fala do outro. É no entrelaçamento desses elementos que se delineia a identidade linguística de Brasília e se fundamenta a relevância sociolinguística de investigar como seus habitantes percebem e avaliam o falar local.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza bibliográfica e qualitativa, cujo objetivo foi investigar a percepção dos moradores do Distrito Federal acerca da existência de um sotaque brasiliense e das características associadas a esse modo de falar. Inicialmente, realizou-se um levantamento teórico fundamentado em autores da Sociolinguística, como Andrade (2015; 2024), Bortoni-Ricardo (2011), Barbosa (2022), Hanna (1986), Labov (2008) [1972], Pacheco (2024), Preston (1986), Pisoni (2004) e Saussure (2006), os quais forneceram subsídios para a compreensão dos conceitos de variação linguística, atitudes linguísticas e focalização dialetal.

Em seguida, procedeu-se à coleta de dados por meio de um formulário de percepção, intitulado *O sotaque brasiliense*, composto por doze questões objetivas e discursivas. O instrumento foi aplicado a quarenta participantes, residentes no Distrito Federal, nativos ou não, contemplando diferentes perfis quanto ao tempo de residência, escolaridade e origem. As perguntas buscaram identificar tanto o reconhecimento da existência de um sotaque local quanto as avaliações subjetivas relacionadas à entonação, à velocidade da fala, o uso de gírias e expressões regionais.

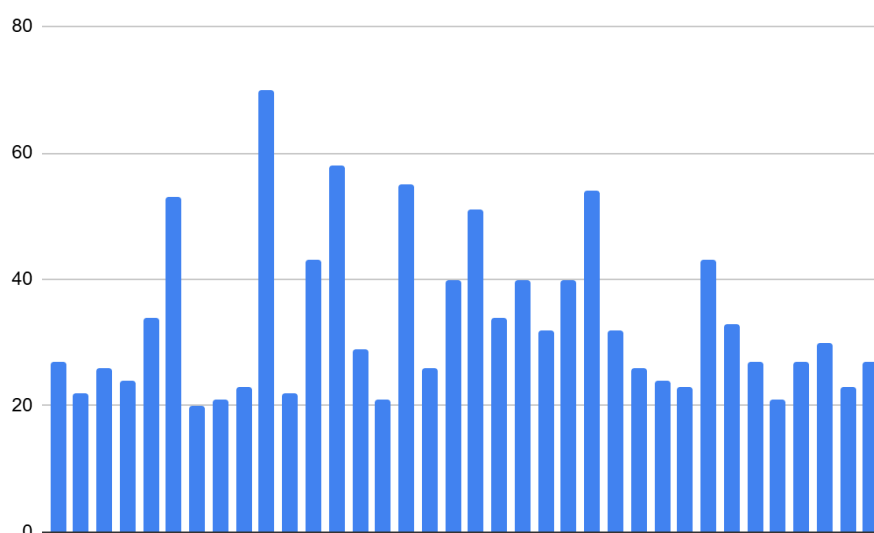
Os dados obtidos foram organizados e analisados de forma quantitativa, sendo representados graficamente para melhor visualização das tendências predominantes. A análise dos resultados foi realizada à luz do referencial teórico adotado, articulando os percentuais obtidos nas discussões sobre percepção linguística, identidade regional e processos de difusão e focalização dialetal. Dessa forma, a metodologia adotada permitiu compreender não apenas os aspectos estruturais do falar brasiliense, mas, sobretudo, as representações e atitudes construídas pelos próprios falantes.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO

Os gráficos abaixo foram analisados de acordo com as respostas coletadas do formulário de percepção: O sotaque brasiliense.

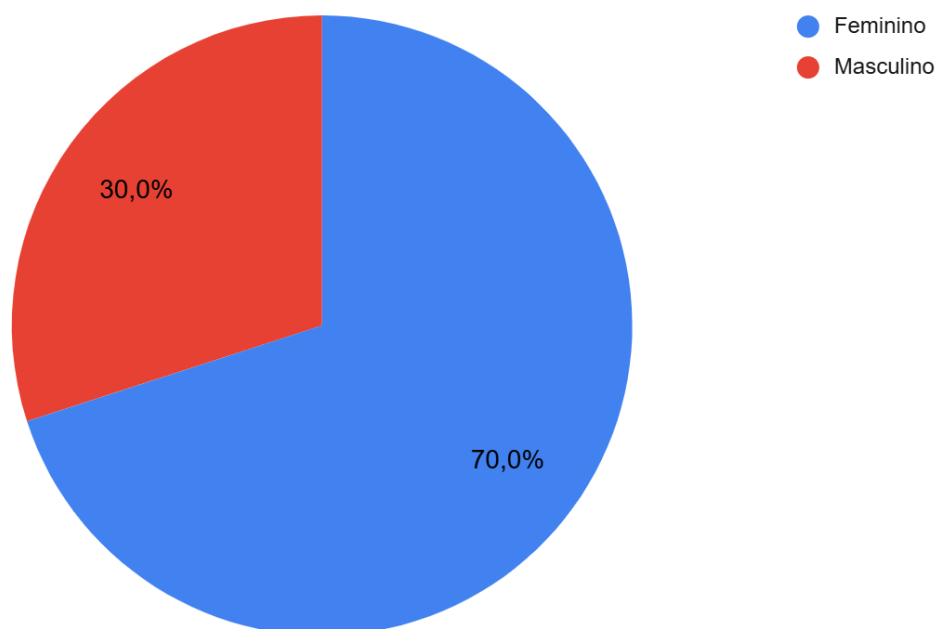
Ao analisar os resultados do formulário sobre o sotaque brasiliense, percebi que as respostas dos participantes revelam tanto percepções intuitivas sobre o modo de falar da cidade quanto avaliações sociais que ajudam a compreender como esses falares são entendidos pelo próprio grupo. Mesmo não tendo perguntado diretamente sobre identidade linguística, os gráficos mostram um conjunto de regularidades que permite observar tendências importantes sobre o reconhecimento, ou não, de um sotaque local.

Gráfico 1: Faixa etária dos participantes.



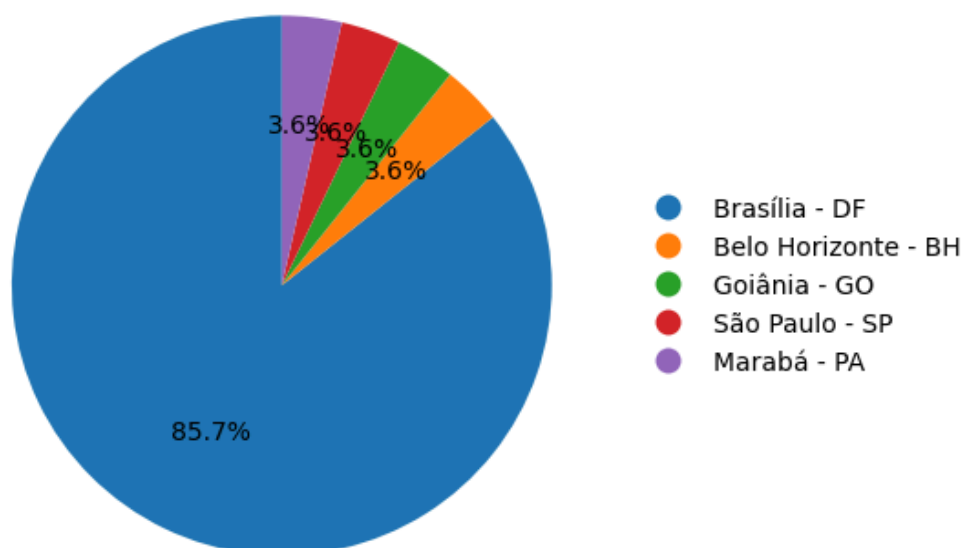
Fonte: Elaboração própria

Gráfico 2: Gênero dos participantes.



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 3: Naturalidade dos participantes.

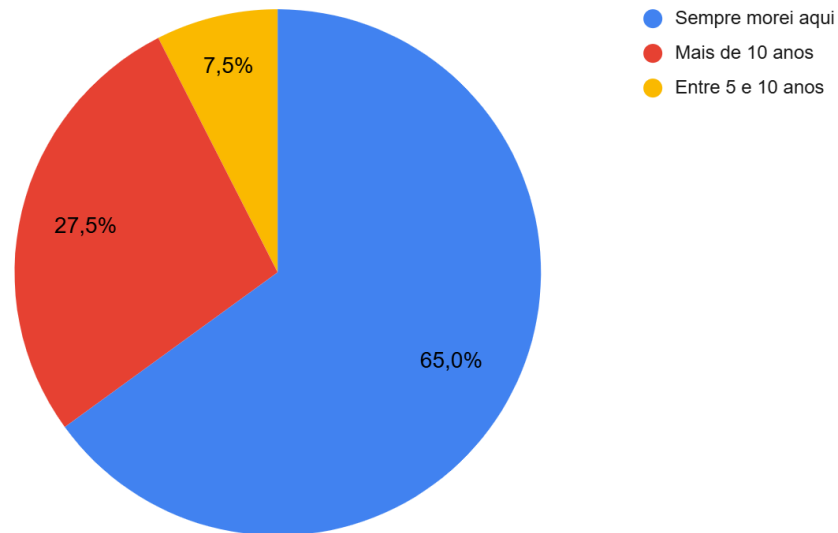


Fonte: Elaboração própria.

Um dos primeiros elementos que me chamou atenção foi o perfil dos respondentes. Como mostra o **Gráfico 2**, 70% dos participantes são mulheres e 30% homens, o que indica que a percepção analisada aqui é majoritariamente

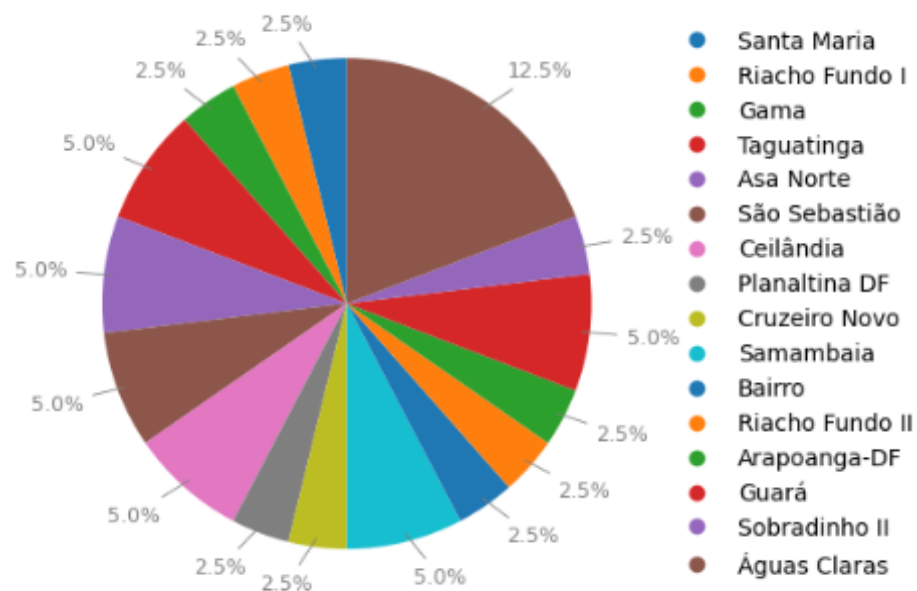
feminina. Também observei que a grande maioria é nascida em Brasília, 85.7%, como mostra o **Gráfico 3**.

Gráfico 4: Tempo em que os participantes moram no Distrito Federal.



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 5: Região Administrativa (RA) onde moram os participantes.

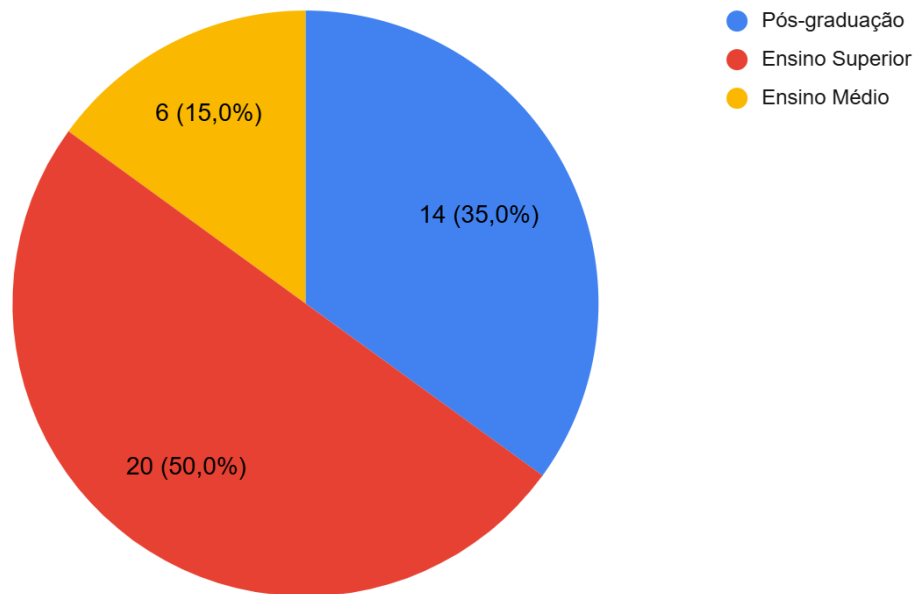


Fonte: Elaboração própria.

Ademais, segundo o **Gráfico 4**, 65% sempre moraram em Brasília, enquanto outros 27,5% residem aqui há mais de dez anos. Esse dado foi importante para minha interpretação, porque percebi que quanto maior o vínculo do falante com a

cidade, mais consistente tende a ser a percepção de características próprias do falar brasileiro, algo que dialoga com Bortoni-Ricardo (2011) e Barbosa (2002) quando tratam da consolidação de traços em comunidades estabilizadas.

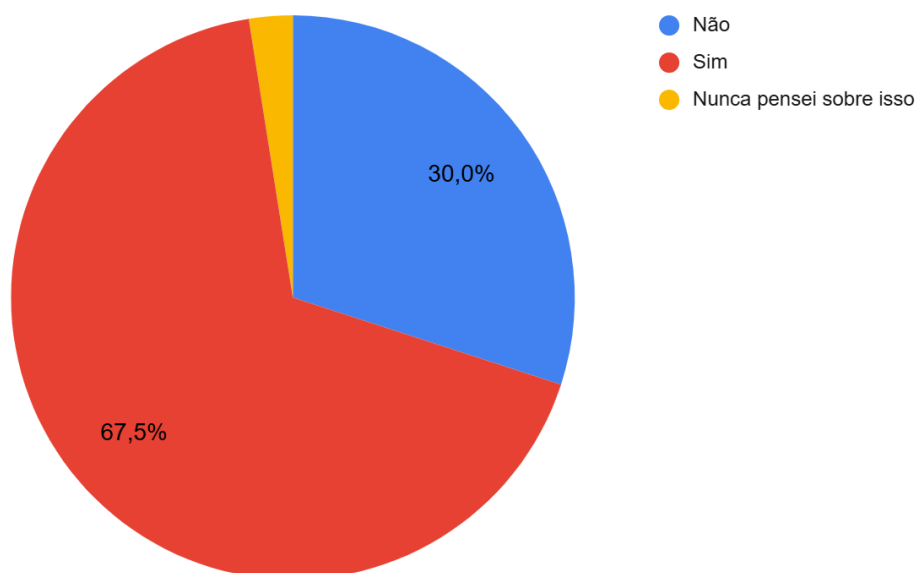
Gráfico 6: Grau de escolaridade dos participantes.



Fonte: Elaboração própria.

Outro aspecto importante é o alto nível de escolaridade dos respondentes. Como apresenta o **Gráfico 6**, 50% possuem ensino superior e 35% pós-graduação. Esse perfil tende a reforçar uma percepção linguística mais consciente, sobretudo em relação à noção de “sotaque neutro”, frequentemente associada a prestígio, como já discutido por Silva Neto (1977) e Melo (2010). Por isso, quando avancei para os gráficos seguintes, busquei interpretar as respostas levando em conta esse contexto social e educacional.

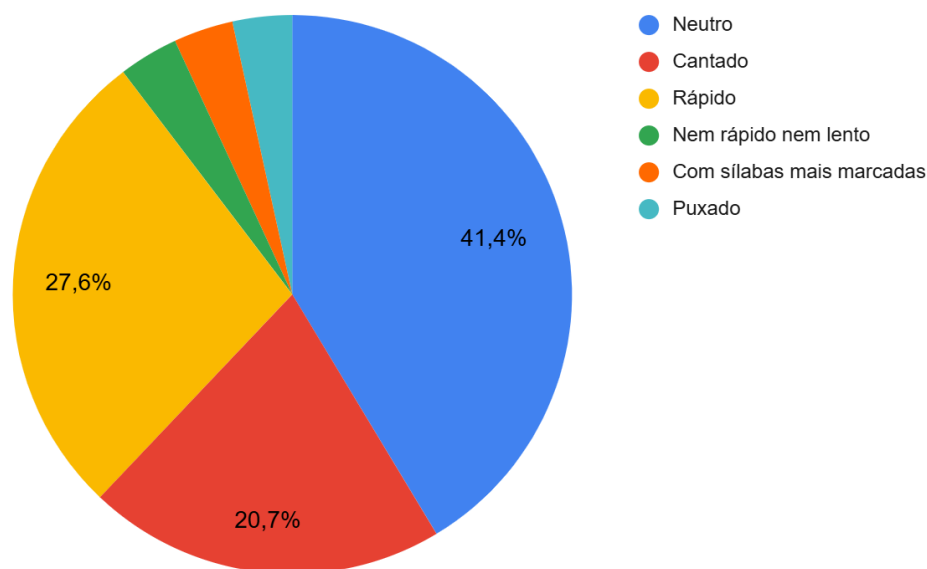
Gráfico 7: O brasileiro tem sotaque próprio?



Fonte: Elaboração própria.

Sob esse prisma, a partir do **Gráfico 7**, notei que 67,5% dos participantes acreditam que Brasília possui um sotaque próprio, enquanto 30% afirmam que não, e 2,5% dizem nunca ter pensado sobre isso. Esse resultado reforça uma ambivalência muito característica de comunidades em processo de focalização dialetal: embora muitos ainda hesitem em nomear o modo de falar como “sotaque”, uma parcela majoritária reconhece a existência de alguma forma de padrão local. Tal comportamento é descrito e discutido por Hanna (1986) ao explicar que o surgimento de um dialeto ocorre não apenas pela estabilização de formas linguísticas, mas também pelo reconhecimento social delas.

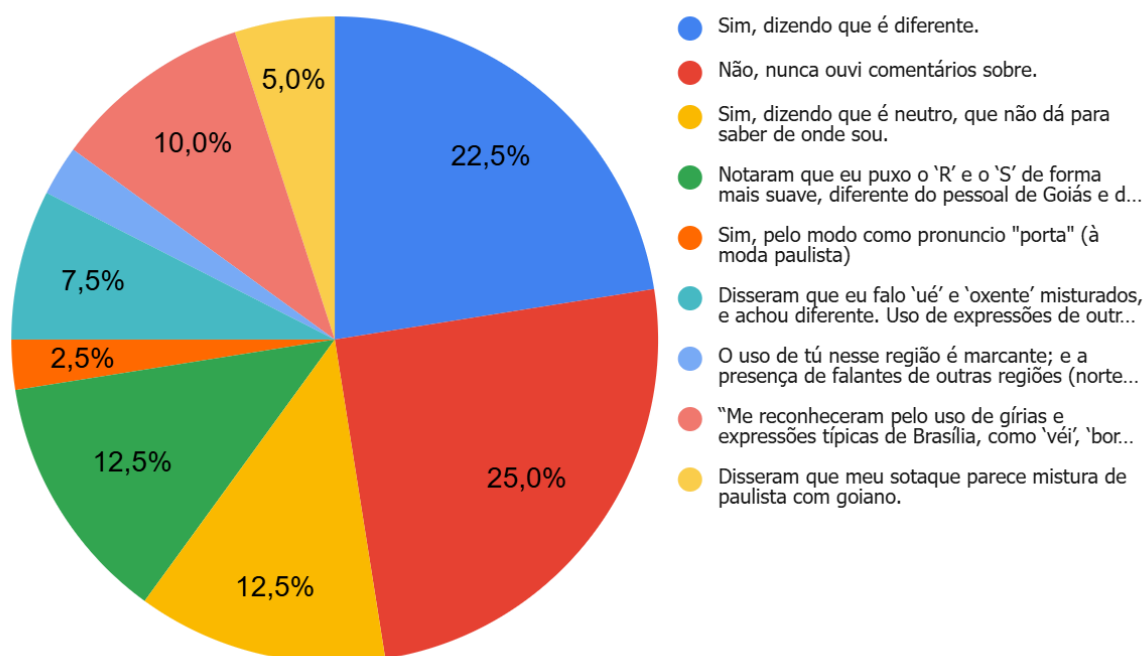
Gráfico 8: Como os participantes descrevem o sotaque brasileiro.



Fonte: Elaboração própria.

Além disso, quando perguntei sobre como os participantes descrevem esse modo de falar, encontrei resultados que ajudam a entender esse movimento de focalização. O **Gráfico 8** mostra que 41,4% classificam o falar brasileiro como “neutro”, 27,6% como “rápido”, 20,7% como “cantado”, e apenas pequenas parcelas o descrevem como “nem rápido nem lento” (3,43%), “com sílabas marcadas” (3,43%) ou “puxado” (3,43%). Esses números reforçam a percepção de neutralidade e velocidade, dois elementos frequentemente associados ao falar brasileiro em pesquisas anteriores. A neutralidade, como apontam Melo (2010) e Silva Neto (1977), funciona socialmente como índice de prestígio, pois representa uma fala menos marcada regionalmente e isso aparece fortemente nas respostas.

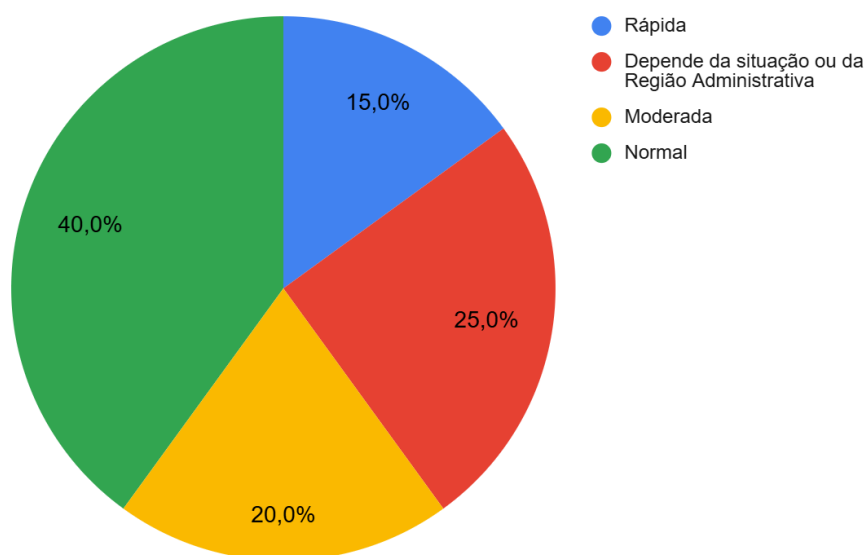
Gráfico 9: Já ouviu alguém de fora comentar sobre o seu modo de falar?



Fonte: própria.

Outrossim, ao interpretar o **Gráfico 9**, percebi que as experiências pessoais também influenciam a maneira como os participantes avaliam sua própria fala. Nesse sentido, apenas 22,5% afirmam já terem ouvido de outras pessoas que seu sotaque é diferente, 25% dizem que nunca ouviram comentários, 12,5% relatam que já foram associados ao sotaque neutro, 12,5% comentaram que “puxam o R e o S”, 7,5% relatam marcas como “Ué” e “Oxente” e 10% mencionam reconhecimento por gírias. Assim, esses dados mostram que, embora haja reconhecimento de certas características locais, o falar brasiliense ainda é percebido como variado e influenciado por outras regiões, o que é coerente com a história migratória da cidade destacada por Melo (2010).

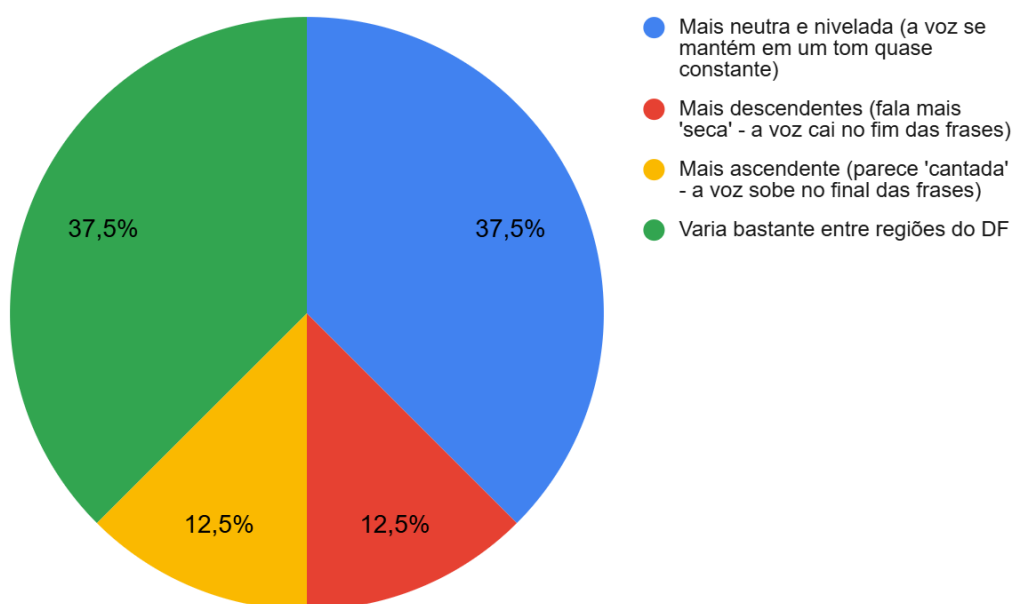
Gráfico 10: Na opinião dos participantes, a velocidade de fala típica dos brasilienses é:



Fonte: Elaboração própria.

Ademais, **no Gráfico 10**, quando perguntei sobre a velocidade da fala, 40% classificam a fala brasileira como “normal”, enquanto 25% dizem que “depende”, 20% como “moderada” e 15% como “rápida”. Essa divisão reforça a ideia de que os falantes não têm um consenso absoluto sobre o ritmo da fala na cidade, mas a presença de percentuais divididos confirma a ideia de que a percepção do sotaque é multifacetada, um aspecto também comum em comunidades heterogêneas, como explica o estudo de Labov (2008) [1972].

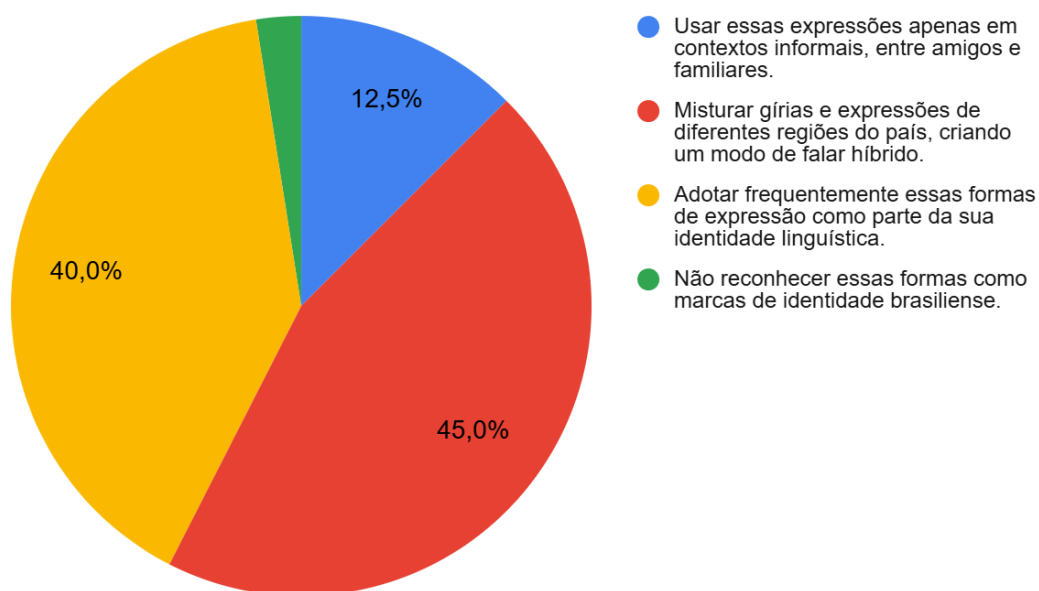
Gráfico 11: Como os participantes descrevem o modo de falar (entonação) dos brasileiros.



Fonte: Elaboração própria.

Nesse contexto, o **Gráfico 11** reforça essa diversidade perceptiva: 37,5% afirmam que a entonação brasileira é “neutra e nivelada”, 37,5% dizem que “varia bastante”, enquanto 12,5% a consideram “descendente” e outros 12,5% “ascendente”. Mais uma vez, percebi que as percepções individuais não são uniformes, mas um ponto se destaca: a neutralidade aparece de novo como traço predominante, o que me levou a pensar que a ideia de neutralidade não é apenas uma descrição fonética, mas um valor social, como apontam Clopper e Pisoni (2004) ao explicar como ouvintes criam representações mentais da fala de sua comunidade.

Gráfico 12: Em relação ao uso de gírias (véi, bicho, baú) e expressões regionais (dar uma força, cair na real, pôr a mão na massa) o brasileiro tende a:



Fonte: Elaboração própria.

Por fim, o **Gráfico 12** mostra como os participantes percebem o uso de expressões regionais: 45% afirmam que “misturam gírias próprias”, 40% “adotam essas formas” dependendo do contexto, 12,5% relatam que as utilizam principalmente em situações informais e apenas 2,5% afirmam não reconhecer essas expressões. Esses números reforçam a interpretação de que Brasília possui, sim, um repertório local de gírias e expressões, algo que contribui para a construção de identidade, mesmo que muitos não reconheçam isso como “sotaque”.

Dessa forma, com base em todos esses dados, pude perceber que o falar brasileiro está em um processo dinâmico de consolidação. Os participantes reconhecem elementos que caracterizam a fala da cidade, como neutralidade, velocidade moderada, gírias locais e certa variação prosódica, mas, ao mesmo tempo, demonstram alguma hesitação em assumir plenamente a existência de um sotaque consolidado. Esse comportamento é característico de comunidades em fase de focalização dialetal, como descrevem Hanna (1986) e Barbosa (2002).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, busquei compreender se os moradores do Distrito Federal reconhecem a existência de um sotaque brasileiro e quais características

associam a esse modo de falar. A análise dos dados revelou que, embora não haja consenso absoluto entre os participantes, a maioria reconhece a presença de traços recorrentes na fala local, especialmente relacionados à neutralidade, frequentemente associada a prestígio social, à velocidade moderada da fala, à entonação descrita como nivelada e ao uso de gírias como *véi*, *bicho* e expressões próprias do cotidiano brasileiro.

Os resultados indicam que o falar brasileiro se encontra em um processo de consolidação, característico de comunidades marcadas por intensa heterogeneidade linguística, a consolidação do sotaque depende tanto de fatores estruturais quanto da representação social construída pelos falantes. Os fatores estruturais referem-se à estabilização gradual de traços fonéticos, prosódicos e lexicais decorrentes do contato prolongado entre diferentes variedades regionais. Conforme apontam os estudos sobre focalização dialetal, esse processo não ocorre de forma imediata ou homogênea, mas se constrói gradualmente, a partir da estabilização de traços linguísticos e, sobretudo, do reconhecimento social desses traços pelos próprios falantes. Nesse sentido, mesmo quando parte dos participantes demonstra hesitação em nomear o falar local como “sotaque”, suas descrições evidenciam regularidades que configuram uma identidade linguística em formação.

Além disso, as atitudes linguísticas observadas ao longo da pesquisa mostram que a ideia de neutralidade ocupa um lugar central na avaliação do falar brasileiro, frequentemente associada a prestígio social, que influenciam diretamente a forma como os falantes percebem a própria fala e a fala do outro. Tal percepção reforça a compreensão de que a língua não é apenas um meio de comunicação, mas também um instrumento simbólico de construção de identidades e de hierarquização social. Ao mesmo tempo, o reconhecimento do uso de gírias e expressões regionais revela um vínculo afetivo e identitário com a cidade, ainda que nem sempre explicitado como marca de sotaque.

Dessa forma, conclui-se que o sotaque brasileiro não deve ser compreendido como ausência de marcas linguísticas, mas como resultado de um processo histórico e social específico, marcado pelo contato entre diferentes variedades regionais. A pesquisa evidencia que a consolidação desse falar depende tanto de fatores estruturais quanto das percepções e atitudes dos falantes,

reforçando a importância de estudos que valorizem a diversidade linguística e combatam visões estigmatizantes sobre os falares regionais. Por fim, espera-se que este artigo contribua para ampliar as reflexões sobre identidade linguística no contexto brasileiro e incentive novas investigações sobre a relação entre língua, sociedade e percepção.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Carolina Queiroz. *A fala brasiliense: origens e expansão do uso do pronome tu*. Tese (Doutorado em Programa de Pós Graduação em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- BARBOSA, Adriana. *Brasilienses e a idéia do não-sotaque no processo de formação de identidade linguística*. Dissertação de mestrado, Unicamp, 2002.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Contatos de dialetos no Distrito Federal, Brasil*. In: O falar candango: análise sociolinguística dos processos de difusão e focalização dialetais. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011.
- CLOPPER, CG. PISONI, DB. *Effects of talker variability on perceptual learning of dialects*. Lang Speech. 2004;47(3):207-39.
- HANNA, Elizabeth S. *Difusão e focalização dialetal: o caso de Brasília*. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, 1986.
- LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- Le Page, R. and Tabouret-Keller, A. *Acts of identity*. Cambridge: Cambridge University Press, (1985).
- MELO, Djalma. *Atitudes Linguísticas e as Variedades Regionais de Fala no Brasil*. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, 1988.
- MELO, Djalma. *Atitudes linguísticas com relação a sotaques regionais no Brasil*. In: O falar candango: análise sociolinguística dos processos de difusão e focalização dialetais. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2010.
- Milroy, L. *Language and social networks*. Oxford: Basil Blackwell, (1980).
- Milroy, L. "Social network an linguistic focusing". Romaine, S. (ed.). *Socio/Linguistic Variation in Speech Communities*. London: Edward Arnold, (1982).
- PACHECO, Cintia da Silva. ANDRADE, Carolina Queiroz. *Varição Linguística no Centro-Oeste (VALCO)*, In: PACHECO, CS. ANDRADE, CQ. *Uma estrada sociolinguística brasileira: homenagem à trajetória acadêmica de Marta Scherre*. Campinas-SP: Pontes, 2024.
- PISONI, DB. *Long-term memory in speech perception: some new findings on talker variability, speaking rate, and perceptual learning*. Speech Commun. 1993; 13:109-25.
- PRESTON, DR. *Five visions of America*. Lang Soc. 1986;15:221-40.
- PRETI, Dino. *A sociolingüística e o fenômeno da diversidade na língua de um grupo social: dialetos sociais e níveis de fala ou registros*. In: Sociolingüística: Os níveis de

fala: Um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. 9. ed.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006. 27. ed.

SILVA NETO, *Serafim da*. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Presença, 1977. 4. ed.